

# Recuperação da memória imagética de artefatos retirados de sítios de naufrágios no litoral de Pernambuco entre 1950 e 2000

**Carlos Celestino Rios e Souza**

*Capitão de Fragata (Ref-T), Arqueólogo Subaquático e Professor do Departamento de Arqueologia/CFCH-UFPE.*

**Amanda de Azevêdo Cavalcanti Tavares**

*Bacharel em Arqueologia; CFCH-UFPE.*

## RESUMO

O presente trabalho trata de localização e identificação dos artefatos arqueológicos retirados de cascos soçobrados na costa pernambucana por mergulhadores, do resgate de parte da história trágico-marítima de Pernambuco dos navios identificados por meio da historiografia, bem como do registro imagético de parte dos artefatos encontrados nas coleções particulares entre 1950 e 2000, para que se dê início a coleções de referência e se contribua com novos dados para a carta arqueológica de naufrágios localizados em Pernambuco.

**PALAVRAS-CHAVE:** Artefatos arqueológicos, Naufrágio, Registro imagético

## ABSTRACT

The present work concerns in the localization and identification of archaeological artifacts taken from shipwrecks off the coast of Pernambuco by divers, in the rescue of the tragic history part and shipwrecks of Pernambuco identified by historiography, as well as the and imagetic registration of the artifacts found in private collections between 1950 and 2000, to initiate reference collections and contribute with news data to the archaeological shipwrecks chart of Pernambuco.

**KEYWORDS:** Archaeological artifacts, Shipwrecks, Imagetic registration

## INTRODUÇÃO

Sendo um dos temas da pesquisa a Arqueologia Subaquática, ela se diferencia da arqueologia efetuada em terra firme apenas no que diz respeito às adaptações das técnicas arqueológicas utilizadas em ambientes terrestres (RAMBELLI, 2003). Portanto, a título de esclarecimento, sítios arqueológicos subaquáticos compreendem basicamente sítios depositários, terrestres submerso, rituais e de naufrágio, estes estando embaixo d'água, em zona intertidais (entre marés) ou em terra firme, onde existam testemunhos da cultura material de atividades humanas por pelo menos 100 anos (Unesco, 2001).

No caso desta pesquisa, os objetos de estudo são os sítios de naufrágio localizados no litoral pernambucano. Dessa forma, segundo Carlos Rios (2010), os sítios de naufrágio são



formados pelas embarcações e/ou navios soçobradas com tudo o que eles transportavam de material e pessoal no momento do sinistro. Como exemplo de sítio histórico há o naufrágio Lamarão I (Galera *Balsemão*), localizado a 1,8 milha náutica da boca da barra do porto do Recife.

Em face de a Arqueologia Subaquática estar, geralmente, inserida no âmbito da Arqueologia Histórica e, por outro lado, a Arqueologia ser definida como uma ciência que estuda o passado do homem por meio dos seus vestígios materiais (RENFREW; BAHN, 1993), os sítios de naufrágio, além de proporcionar dados sobre a história marítima do local em que se encontra, podem ser considerados como verdadeiros dispersores de “artefatos culturais mundiais”.

A arqueologia subaquática brasileira está principalmente voltada ao estudo dos sítios de naufrágios. Por meio de suas metodologias de pesquisas específicas possui o objetivo de compreender a vida a bordo das embarcações, do cotidiano da gente do mar, seus hábitos e costumes ao longo desses 500 anos de história do Brasil (RIOS, 2007).

No Brasil, o trabalho arqueológico subaquático pioneiro foi realizado no Galeão Sacramento, no litoral baiano, em 1976, pelo arqueólogo Ulisses Pernambucano de Mello Neto, em parceria com a Marinha do Brasil e o Ministério da Educação e Cultura (MELLO NETO, 1977).

No Estado de Pernambuco, ainda sob a orientação do Prof. Ulisses, foram realizados trabalhos arqueológicos no Galeão *São Paulo*, entre 1979 e 1987. Esses trabalhos de pesquisa não fugiram ao propósito de recuperar artefatos diversos, que passaram a fazer parte da exposição do Espaço Cultural da Marinha e do Museu Naval no Rio de Janeiro, e que exemplificam a história trágico-marítima brasileira (MELLO NETO, 1981; CUNHA, 1990, 1994).

No sudeste, nos anos 90, no Baixo Vale da Ribeira, SP, o Prof. Gilson Rambelli (1998 e 2003) estudou os vestígios materiais, bem como os processos de ocupação e de estabelecimento do homem naquela região.

Outros trabalhos realizados no Estado de Pernambuco versaram sobre a identificação arqueológica do naufrágio Lamarão I, locali-

zado no lamarão externo do porto do Recife, e a identificação dos fatores causadores de naufrágios ocorridos em Pernambuco durante os séculos XIX e XX, ambos desenvolvidos por Carlos Rios (2007 e 2010), os quais também delineiam os primeiros passos em busca do resgate histórico e arqueológico do patrimônio submerso presente no litoral.

Em que pese o fato de o Brasil não ter sido signatário da Convenção da Unesco de 2001, que aborda sobre a proteção do patrimônio cultural subaquático e um de seus princípios ser: “O patrimônio cultural subaquático deve ser protegido de exploração comercial e especulação (...) depósito do patrimônio recuperado em projeto de pesquisa ou prevenção de atividades predatórias desde que os requerimentos da Convenção sejam observados. Objetiva-se assim que qualquer recuperação de patrimônio cultural subaquático alcance sua máxima proteção”, além de ser pertinente ao Estado “tomar as medidas necessárias para elaborar, manter e atualizar um inventário do patrimônio cultural subaquático”; “garantir eficazmente a proteção, a conservação, a apresentação e gestão desse patrimônio”; e “fomentar a pesquisa e educação nesse âmbito”, atualmente não se tem conhecimento do quantitativo exato de naufrágios localizados na costa pernambucana, apenas tendo registrado a localização de aproximadamente 50 naufrágios.

Dessa forma, há cerca de sessenta anos, pescadores e uma pequena parcela da sociedade pernambucana formada por mergulhadores recreativos, profissionais desta área, além de praticantes da caça submarina têm sido os responsáveis pela descoberta de um grande número de naufrágios e, por não haver uma legislação específica sobre o assunto até os anos 80, além de uma fiscalização efetiva, passaram a coletar inúmeros objetos de natureza arqueológica e biológica do fundo do mar, sem restrição alguma, e, mesmo depois desse período, as leis brasileiras favorecem a caça ao tesouro e dão valor ao bem arqueológico, indo na contramão da história.

Esses objetos formam hoje uma série de coleções particulares das mais variadas possíveis, que abrangem desde artefatos de uso comum como garrafas, pratos, xí-

caras, talheres e panelas até aparelhos e acessórios das próprias embarcações naufragadas, tais como âncoras, lemes, hélices, material bélico como canhões, falconetes, mosquetões e projéteis, entre outras peças.

Em se tratando da compreensão desses dados, a realização do resgate imagético dos vestígios arqueológicos e da historiografia dos naufrágios torna-se necessário, no que tange a possibilidade de ajudar a traçar, de forma nítida, os lugares por onde estas embarcações navegaram, bem como, a cultura material contida no interior e ao redor desses cascos soçobrados, e também evidencia o desenvolvimento técnico de um dado país. Isso é possível uma vez que as características dos vestígios, quando analisadas por especialistas, podem auxiliar na identificação da nacionalidade do naufrágio bem como da sua identidade. A interpretação dos vestígios também pode sugerir a estratificação social da tripulação por meio da análise e da distribuição espacial da cultura material (RIOS, 2010).

Assim, considerando uma possível perda de informações e referencial arqueológico pelo fato de esses intrépidos mergulhadores, ocasionalmente, não possuírem conhecimento algum relativo à salvaguarda destes acervos de forma apropriada, todo esse material coletado durante esses anos corre o risco de ser perdido junto com suas informações referentes à história, localização e detalhes sobre cada naufrágio.

No geral, os principais objetivos do trabalho são a localização e a identificação de artefatos arqueológicos retirados de naufrágios da costa pernambucana por mergulhadores. E para esta finalidade, atividades como localizar e identificar os mergulhadores detentores de peças arqueológicas subaquáticas; localizar e georreferenciar, por meio da plotagem de coordenadas geográficas em carta náutica, cada naufrágio explorado por tais mergulhadores; recuperar parte da sua historiografia por meio de levantamento bibliográfico; efetuar o registro imagético dos artefatos provenientes das coleções particulares de cada mergulhador; e, por fim, iniciar a elaboração de coleções de referência desses objetos, por meio de doações de artefatos arqueológicos efetuadas pelos mergulhadores, são essenciais ao desenvolvimento da pesquisa.

Nesse contexto, as motivações para o desenvolvimento do trabalho justificam-se na medida em que é praticamente inexistente a preocupação das autoridades locais ou mesmo a nível nacional em resgatar a história marítima do país por meio dos vestígios arqueológicos de cada naufrágio no mar territorial brasileiro. Outra linha de sustentação é que se trata de um trabalho pioneiro e de base, ou seja, necessita-se saber sobre a história submersa de Pernambuco, no que tange a identificar quantos e quais navios foram explorados, onde estão localizados, as causas dos naufrágios, a possível presença de outros sítios de naufrágios ainda não identificados cientificamente e, por fim, o que pode ser feito em termos de preservação desse patrimônio subaquático resgatado.

O presente estudo possibilita, ainda, a criação de coleções de referência dos mais variados artefatos por meio da arqueologia subaquática, bem como resgata parte da história trágico-marítima de Pernambuco e fornece subsídios para a carta arqueológica de naufrágios.

## **METODOLOGIA**

Os procedimentos metodológicos abrangem: levantamento bibliográfico, entrevistas, registros fotográficos e filmagens, conhecimento de todo o litoral pernambucano, cidades, praias e rios afetos ao assunto, além da salvaguarda de peças arqueológicas oriundas de doações.

Primeiramente, foi realizada uma busca por coleções de referências e catálogos de materiais arqueológicos de origem subaquática ou não e que tivessem relevância quanto ao contexto histórico dos naufrágios até então explorados, portanto, a pesquisa de materiais bibliográficos e imagéticos sobre a tipologia, classificação, conservação e salvaguarda de materiais específicos, tais como, madeira, metal, cerâmica, louça, entre outros, assim como dados sobre manufatura e origem dos mesmos, se tornou importante no que tange ao processo de identificação de objetos, procedências e a possível correlação com os sítios de naufrágios presentes na costa pernambucana.

Para a realização da primeira etapa do projeto foram efetuadas pesquisas bibliográficas em acervos particulares e públicos, além de acessos as coleções e catalogações de peças arqueológicas pertencentes ao Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, as quais foram devidamente registradas por meio de fotografias. Ainda nesta fase do projeto, foi realizado um levantamento através de fontes bibliográficas sobre o quantitativo e a história de alguns dos naufrágios já identificados pelos entrevistados e pela comunidade científica até o momento.

A etapa seguinte das atividades desenvolvidas até então envolveu a elaboração de um roteiro de perguntas específicas ao propósito do projeto e que seria aplicado durante as entrevistas com os mergulhadores. A aplicação de tal procedimento de obtenção de dados reside no propósito de identificar quais naufrágios foram explorados, o que foi retirado de material arqueológico de cada um deles e, por fim, persuadir o entrevistado a doar alguns bens de seu acervo a fim de colaborar com a realização de uma coleção de referência – para fins científicos – sobre a história marítima pernambucana.

A partir de então, foram realizadas as entrevistas com os senhores: Sinval Malta Pessoa, Antônio Veríssimo da Cruz, Alípio Vanderlei Nobre, Fernando Paz, Antônio Mariano de Barros Cordeiro, José Mário Lobo, Jorge Antônio Lopes, Edísio Rocha, Fernando Clark, Maxwell Dantas, Gabriel Katter, Antônio Gomes, Josualdo Moura, Rudy Borges, Carlos Villar, Jamerson José Caminha e Ricardo Moura.

Em face da necessidade de adequação do roteiro de perguntas, as entrevistas passaram a ser não estruturadas, portanto, em meio às entrevistas, as perguntas foram modificadas em algumas situações com o propósito de melhorar a comunicação entre pesquisador e entrevistado e torná-las mais objetivas e satisfatórias quanto ao alcance das metas do projeto.

É válido informar que todos os entrevistados estão ou estiveram envolvidos diretamente e/ou indiretamente com o mergulho, entre os quais abrangem caçadores submarinos, mergulhadores profissionais, funcionários de empresas e despachantes portuários.

Todas as entrevistas foram devidamente filmadas e transcritas posteriormente para que as informações obtidas sobre a presença de sítios de naufrágios, assim como suas características, fossem adequadamente analisadas.

Por fim, após levantamento, análise, discussão e conclusão das informações obtidas a partir dos dados adquiridos mediante as pesquisas e entrevistas realizadas ao longo do projeto, foram elaborados os devidos relatórios e publicações.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os levantamentos de coleções de referências e de fontes bibliográficas foram atividades compreendidas na primeira etapa do projeto, portanto, tendo em vista os dados extraídos destas fontes documentais, foi possível obter informações quanto a tipologia e origem dos materiais<sup>1</sup> que poderiam estar associados às cargas ou a objetos utilizados a bordo que eram, comumente, transportadas nestas embarcações que outrora naufragaram devido a inúmeros fatores. Além disso, foram identificadas as nomenclaturas de apêndices<sup>2</sup> que fazem parte da estrutura das embarcações e que, por sua vez, também foram retiradas dos naufrágios para serem integradas aos acervos particulares desses mergulhadores.

Portanto, nesta etapa prévia do projeto, peças<sup>3</sup> como garrafas em vidro de água mineral com gás, de origem inglesa, datadas do século XIX; frascos de remédio e cosméticos, de origem brasileira e/ou desconhecida, datados do final do século XIX ao início do século XX; ampolas de medicamentos de procedência brasileira, do início do século XX; e garrafas de vinho tinto de origem europeia, do século XIX, fazem parte do levantamento de coleções de referências que auxiliam na identificação e na compreensão das relações existentes entre o material arqueológico dos acervos particulares e seus respectivos naufrágios.

Em seguida, mediante o levantamento bibliográfico parcial e *sites* específicos sobre mergulho e naufrágios localizados no Brasil<sup>4</sup>, obteve-se a informação da presença de em torno de 108 naufrágios<sup>5</sup> em Pernambuco. Entretanto, a partir de dados mais confiáveis, foi possível plotar 39 embarca-

ções naufragadas, na costa do Estado, com localização conhecida. Destes dados, observa-se a presença de 27 cascos soçobrados<sup>6</sup> por causas diversas e 12 propositais<sup>7</sup>.

De acordo com a tabela em anexo, apresentam-se os dados obtidos a partir das pesquisas e entrevistas realizadas ao longo do projeto. Dessa forma, foi possível realizar o resgate imagético dos artefatos arqueológicos oriundos dos naufrágios Alfama de Lisboa, Camaquã e Copérnicus, assim como informações adicionais acerca da identificação da tipologia do naufrágio Batelão de Cima.

A partir de identificação e localização de 39 embarcações naufragadas em Pernambuco, foi possível observar que o Estado possuiu

um considerável fluxo de navios dos mais variados tipos e funções, os quais faziam parte de forças navais e mercantes, contribuindo muito para o desenvolvimento econômico e político local. Com isto, tendo em vista o quantitativo de naufrágios levantados, os relatos dos entrevistados e a historiografia marítima do Estado, permite-se dizer que há a presença de muitas outras embarcações naufragadas ainda não identificadas nessa faixa litorânea e, conseqüentemente, muitos outros vestígios materiais importantes para o resgate da história marítima local.

Por outro lado, os relatos obtidos nas entrevistas realizadas com pescadores, mergulhadores recreativos e profissionais, além de

### TABELA 1

Levantamento de algum dos naufrágios localizados em Pernambuco. As células na cor cinza escuro demonstram os naufrágios ocasionados por fatores diversos e as na cor cinza claro os propositais. Os navios que obtiveram o resgate imagético de parte de seus artefatos arqueológicos estão destacados em negrito e caixa-alta.

<b>TABELA DOS NAUFRÁGIOS LOCALIZADOS EM PERNAMBUCO</b>			
NAUFRÁGIO	LOCALIZAÇÃO	NAUFRÁGIO	LOCALIZAÇÃO
<b>ALFAMA DE LISBOA</b>	J. dos Guararapes	Flórida	Recife
Aramar	Rio Formoso	Massangana	Cabo de Santo Agostinho
Marguerite	Recife	São Paulo	Cabo de Santo Agostinho
Bahia	Goiana	Sulamita	Recife
Batelão de Cima	Recife	Taubaté	Recife
<b>CAMAQUÃ</b>	Paulista	Vapor 48	Recife
Chata de Noronha	Paulista	Vapor de Baixo	Recife
Alvarenga	Paulista	Gonçalo Coelho	Ipojuca
<b>COPÉRNICUS</b>	Goiana	Iemanjá	Paulista
Draguinha	Recife	Lupus	Recife
Espada de Ferro	Itamaracá	Marte	Ipojuca
Galeão Serrambi	Ipojuca	Mercurius	Recife
Lamarão I	Recife	Minuano	Recife
Marisco	Recife	Saveiros	Recife
Navio do Boi	Rio Formoso	Servemar I	Recife
Navio do Café (Themis)	Tamandaré	Servemar X	Recife
Navio do Cimento (Guararapes)	Olinda	Orca	Recife
Navio do Gás (iate Egel)	Ipojuca	Taurus	Recife
Navio do Reduto	Rio Formoso	Walsa	Recife
Pirapama	Recife	-	-

Fonte: Amanda Tavares, 2012.

praticantes de caça submarina, também permitiram perceber o verdadeiro descaso com a conservação destes sítios de naufrágios causado pelas ações impactantes de turistas e mergulhadores desinformados acerca do dever de preservação ambiental e patrimonial aplicados ao meio aquático, causando inúmeros prejuízos ao meio ambiente marinho e ao patrimônio arqueológico subaquático.

Com relação aos naufrágios levantados, o *Alfama de Lisboa*, também conhecido como “Navio dos Pratos” devido à carga que trazia, é um sítio de naufrágio constituído por uma embarcação a vela, com casco de madeira e ferro, com dois mastros, de nacionalidade portuguesa, que naufragou em 18 de agosto de 1809. A embarcação possuía, entre as inúmeras mercadorias, uma importante carga de porcelanas portuguesas e inglesas. Encontra-se defronte à praia

de Candeias, a 10 metros de profundidade (MARX E MARX, 1994).

Com o acesso ao acervo particular do Sr. Carlos Villar, descobridor do *Alfama de Lisboa*, foi possível fotografar peças de louça referentes a este naufrágio, tais como xícaras, pratos, cuias e lava-mãos de origem portuguesa e inglesa, além de acessórios relativos à navegação da embarcação.

Já a Corveta<sup>8</sup> *Camaquã*, uma embarcação de ferro, da Marinha do Brasil, construída no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro e lançada ao mar em 1939, está localizada pelo través da praia de Maria Farinha, a 56 metros de profundidade, cujo naufrágio ocorreu no dia 21 de julho de 1944 devido ao mau tempo reinante (RIOS, 2010).

Segundo relatos<sup>9</sup>, seu nome *Camaquã* ou *Camacuan*, como estava originalmente escrito nas peças (bules, baixelas e talheres de prata),



**Foto 1** – Faianças portuguesas com motivos florais e policrômico: lava mãos.



**Foto 3** – Faiança inglesa decorada: xícara (padrão decorativo azul borrão, Inglaterra).



**Foto 2** – Faianças inglesas com borda azul: pratos e travessas. Oriundos do *Alfama de Lisboa*. Fonte: Amanda Tavares, 2012.



**Foto 4** – Faiança com marca da companhia de navegação (Liverpool Brazil and River Plate S. N. C. L.). Oriundo do *Copérnicus*. Fonte: TAVARES, 2012.

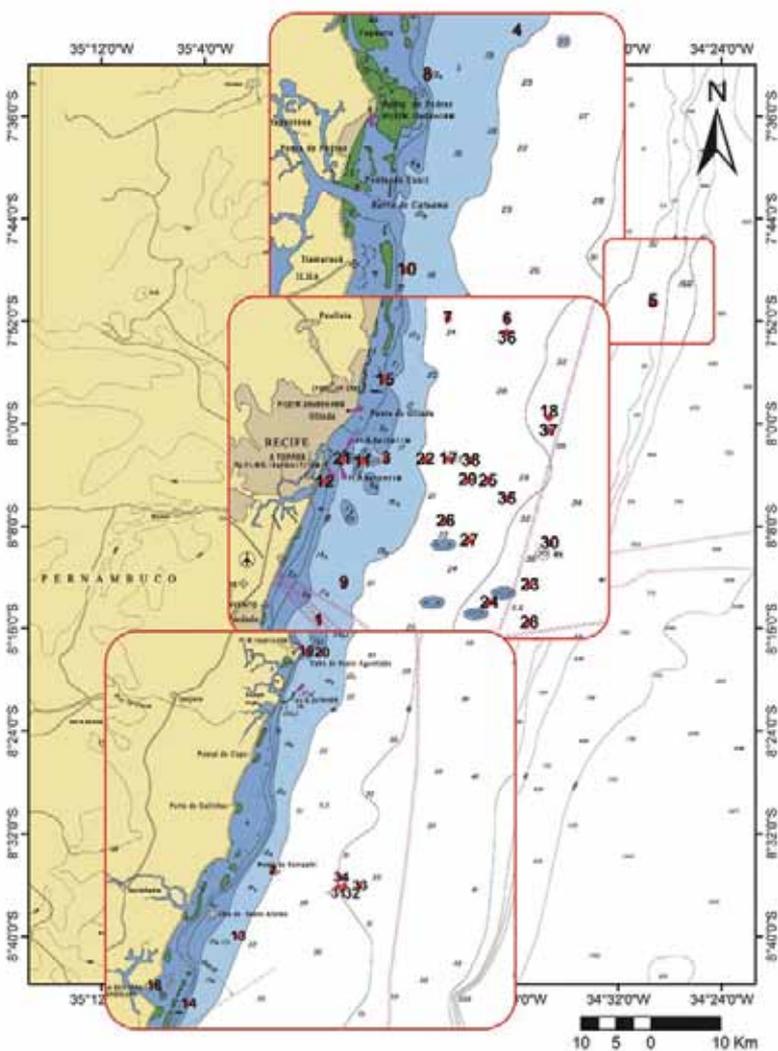
foi identificado através da observação de um baixo relevo impresso em algumas peças encontradas e retiradas do naufrágio e que hoje estão expostas no Espaço Cultural da Marinha, no Rio de Janeiro. Esta impressão não estava completamente visível, mas, a partir de pesquisas bibliográficas sobre o navio em questão, soube-se que este seria uma embarcação da Marinha Brasileira que fazia parte dos comboios a navios mercantes durante a II GM (*C6 Camaquã*). Daquele naufrágio obteve-se, apenas, o registro imagético de um artefato da embarcação que é uma lâmpada (de localização e função não determinadas) na cor azul.

No que diz respeito ao naufrágio *Copérmicus*, era um vapor de ferro, de nacionalidade inglesa, pertencente à Companhia Lamport & Holt. Encalhou e naufragou em 25 de fevereiro de 1883, defronte à praia de Ponta de Pedras, a cerca de 30 milhas náuticas do porto de Recife, a 6 metros de profundidade. A carga era composta por porcelanas, máquinas Singer e mármore. Foi explorada por mergulhadores pernambucanos com autorização da Marinha na década de 70. Atualmente a embarcação encontra-se desmantelada (RIOS, 2010).

Do *Copérmicus* foram realizados registros fotográficos de material vítreo e cerâmico<sup>10</sup>, como taças e copos, além de xícaras com decoração em azul e rósea provavelmente de origem inglesa.

Dessa forma, o resgate imagético dos artefatos referentes aos naufrágios *Alfama de Lisboa*, *Copérmicus* e *Corveta Camaquã* permitiram não só o resgate de artefatos do evento trágico marítimo respectivo a cada embarcação, mas também de todo um contexto histórico da evolução da tecnologia de navegação e da navegabilidade, assim como das relações comerciais, políticas e sociais que Pernambuco manteve ao longo de sua história e que estão diretamente associadas a cargas e passageiros transportados por essas embarcações.

Ainda com relação às informações referentes aos naufrágios levantados, por meio



**Mapa 1** – Extrato da carta náutica 22.200 da DHN que exibe nos detalhes aproximados os pontos da localização de alguns dos naufrágios do litoral de Pernambuco. Fonte: Amanda Tavares, 2012.

das entrevistas realizadas, foi possível identificar a tipologia da embarcação referente ao naufrágio denominado de Batelão de Cima que, até o momento, não era conhecida devido ao fato de estar, atualmente, com sua estrutura quase que totalmente enterrada a sete milhas náuticas<sup>11</sup> do porto de Recife e a 25 metros de profundidade. Dessa forma, segundo relatos<sup>12</sup>, o *Batelão de Cima*<sup>13</sup>, nome este empregado popularmente devido ao desconhecimento do seu nome original, foi descrito como sendo uma lancha de desem-

barque<sup>14</sup> de soldados, sendo muito utilizada para serviços das Marinhas de Guerra e de provável origem norte americana.

No geral, o Batelão de Cima é tido como uma embarcação de ferro (LD)<sup>15</sup>, de nome, nacionalidade, estaleiro, armador, dimensões, ano de construção, comandante, tripulação, causa do naufrágio e número de vítimas desconhecidos. Vale ressaltar que esta embarcação, entre as décadas de 60 e 80, ainda possuía sua estrutura visível e em bom estado de conservação (RIOS, 2010).

## TABELA 2

Naufrágios levantados e plotados em carta náutica.

CÓDIGO	NAUFRÁGIOS	CÓDIGO	NAUFRÁGIOS
1	Alfama de Lisboa	20	São Paulo
2	Aramar	21	Taubaté
3	Marguerite	22	Vapor de Baixo
4	Bahia	23	Lupus
5	Camaquã	24	Minuano
6	Chata de Noronha	25	Saveiros
7	Alvarenga	26	Servemar I
8	Copérnicus	27	Servemar X
9	Draguinha	28	Orca
10	Espada de Ferro	29	Taurus
11	Lamarão I	30	Walsa
12	Marisco	31	Galeão Serrambi
13	Navio do Boi	32	Navio do Gás (iate Egel)
14	Navio do Café (Themis)	33	Gonçalo Coelho
15	Navio do Cimento (Guararapes)	34	Marte
16	Navio do Reduto	35	Mercurius
17	Pirapama	36	Iemanjá
18	Flórida	37	Vapor 48
19	Massangana	38	Batelão de Cima

Fonte: Amanda Tavares, 2012.

## CONCLUSÕES

Com o desenvolvimento deste projeto, foram obtidas informações importantes acerca de uma quantidade considerável de naufrágios localizados na costa pernambu-

cana, os quais variam em tipologia de embarcação, origem, localização, dimensões, data e causa do naufrágio. Dessa forma, o mesmo promoveu a identificação da diversidade de embarcações de diferentes períodos e origens que percorriam o litoral de

Pernambuco, além de parte do quantitativo de sítios de naufrágio com localização conhecida existentes na costa pernambucana e, logo, o seu potencial histórico marítimo que gera uma perspectiva atual na busca por novos naufrágios.

Com relação à aplicação das entrevistas a fim de extrair o máximo de informações relevantes ao resgate da memória histórica e imagética dos naufrágios e, conseqüentemente, os artefatos recolhidos pelos mergulhadores, foi possível compreender melhor acerca da história de alguns naufrágios históricos localizados em Pernambuco.

Outro ponto interessante é o fato de que tais entrevistas também promoveram a denúncia, por parte dos mergulhadores, do atual estado de conservação de alguns sítios de naufrágio presentes no litoral de Pernambuco, os quais se encontram com suas estruturas desgastadas, pouco visíveis e com partes faltantes, situação esta provocada pela ação de colecionadores e até mesmo de turistas sem consciência do dever de preservar todo e qualquer patrimônio cultural e ambiental.

Com relação à recuperação imagética dos artefatos e à salvaguarda de peças adquiridas por meio de doações de alguns entrevistados, houve algumas aquisições importantes para o projeto tanto no âmbito

do resgate de material arqueológico quanto no de registro fotográfico destes objetos.

Também ocorreram resgates históricos e imagéticos de naufrágios relativamente recentes que, apesar de contradizerem a definição de patrimônio subaquático versada pela Convenção da Unesco de 2001, no tocante a cronologia, suas histórias devem ser consideradas, pois, de fato, fazem parte da história marítima pernambucana e futuramente todo o arcabouço material desses naufrágios será considerado patrimônio arqueológico subaquático importante para história marítima de Pernambuco.

No geral, os dados obtidos durante este período geraram resultados satisfatórios no que tange a contextualização dos artefatos com os seus respectivos naufrágios, permitindo dessa forma uma melhor compreensão da história marítima do Estado e de suas relações comerciais e bélicas com outros países em períodos distintos. Além disso, algumas informações adquiridas por meio das entrevistas auxiliaram no esclarecimento de dúvidas quanto à tipologia e à procedência de uma embarcação naufragada na costa pernambucana que, até recentemente, possuía características desconhecidas, contribuindo, assim, com novos dados para a carta arqueológica de naufrágios de Pernambuco.

## REFERÊNCIAS

CHERQUES, S. *Dicionário do Mar*. São Paulo: Globo, 1999.

CUNHA, L. F. C. De volta ao passado, mergulhando sobre o Galeão *Sacramento*. Rio de Janeiro: *Revista Marítima Brasileira*, v. 110, n. 4/5, 1990.

CUNHA, L. O. C. Sítio do Galeão São Paulo: Pesquisa arqueológica não é caça ao tesouro. Rio de Janeiro: *Revista Marítima Brasileira*, v. 114, n. 1/3, 1994.

MELLO NETO, U. P. O galeão *Sacramento* (1668): um naufrágio do século XVII e os resultados de uma pesquisa de Arqueologia Subaquática na Bahia (Brasil). Rio de Janeiro: *Revista Navigator – Subsídios para a História Marítima do Brasil*, n. 13, 1977.

\_\_\_\_\_. O cabo de Santo Agostinho e a baía de Suape: Arqueologia e História. Recife: *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*, vol. 53, 1981.

ESPARTEIRO, A. M. *Dicionário de Marinha Português-Ingês*. Lisboa: Centro de Estudos de Marinha, 1975.

MARX, R.; MARX, J. *New World Shipwrecks 1492 – 1825*. Dallas: Ram Publishing Company, 1994.

NEEDHAM, J. *Science and Civilization in China: Civil Engineering and Nautics*. Taipei: Caves Books, v. 4, 1986.

RAMBELLI, G. *A arqueologia subaquática e sua aplicação à Arqueologia brasileira: o exemplo do Baixo Vale do Ribeira de Iguape, São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. *Arqueologia Subaquática do Baixo Vale do Ribeira – SP*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

RENFREW, C. e BAHN, P. *Arqueología, Teorías, Métodos y Práctica*. Madrid: Akal, 1993.

RIOS, C. *Identificação arqueológica de um naufrágio localizado no lamarão externo do porto do Recife, PE, Brasil*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

\_\_\_\_\_. *Arqueologia subaquática: identificação das causas de naufrágios nos séculos XIX e XX na costa de Pernambuco*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010, 294 págs.

UNESCO: *Convenção da Unesco para a Proteção do Patrimônio Cultural Subaquático*. Paris: 2001.

---

<sup>1</sup> Estes materiais podem ser cerâmicos, férreos e vítreos (porcelanas, talheres e garrafas, por exemplo).

<sup>2</sup> Qualquer parte ou peça relativamente pequena que se destaca da parte do forro exterior do casco, abaixo da linha de flutuação (hélices, lemes, âncora, por exemplo) (CHERQUES, 1999).

<sup>3</sup> Todas as peças citadas fazem parte das coleções de referências pertencentes ao Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, coordenado pelo Prof. Dr. Marcos Albuquerque.

<sup>4</sup> Fontes: [www.naufragiosdobrasil.com.br/www.naufragios.com.br/www.brasilmergulho.com](http://www.naufragiosdobrasil.com.br/www.naufragios.com.br/www.brasilmergulho.com) (Acesso: 2011).

<sup>5</sup> Lista de naufrágios em Pernambuco extraída do Sinau (Sistema de Identificação de Naufrágios), 2009.

<sup>6</sup> Significa afundado, submergido, naufragado (CHERQUES, 1999).

<sup>7</sup> Na atualidade os navios são afundados propositalmente com fins turísticos e científicos (RIOS, 2010).

<sup>8</sup> Pequeno navio de guerra da marinha de vela, menor que a fragata, mas aparelhada da mesma maneira, com três mastros de velas redondas (corveta antiga). A partir da Segunda Guerra Mundial as corvetas passaram a ser classificadas como navios de escolta ou de patrulha (corveta moderna) (ESPARTEIRO, 1975).

<sup>9</sup> Sr. José Mário Lobo (entrevistado).

<sup>10</sup> Peças pertencentes ao acervo particular do Sr. Fernando Paz (entrevistado).

<sup>11</sup> 1 milha náutica equivale a 1.852 metros.

<sup>12</sup> Srs. Sinval Malta Pessoa e Alípio Vanderlei Nobre (entrevistados).

<sup>13</sup> Grande barca de fundo chato, às vezes sem propulsão própria, usada para o transporte de cargas pesadas no desembarque (CHERQUES, 1999).

<sup>14</sup> As lanchas de desembarque são embarcações de ferro, de pequeno e médio porte, utilizadas para o transporte de tropas e equipamentos até às praias. Bastante usadas pela Marinha Portuguesa nas décadas de 60 e 70 na Guerra do Ultramar. Fonte: [www.guerracolonial.org/](http://www.guerracolonial.org/) (Acesso: 2011).

<sup>15</sup> LD significa lancha de desembarque.